

Homenagem à Profa. Maria Clara Lucchetti Bingemer

**Editores**

Ceci Maria Costa Baptista Mariani,  
Breno Martins Campos

**Suporte**

Bolsista de Produtividade em Pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba, edital PRPGP nº 03/2024, processo SUAP 55001.001516.2024-39.

**Conflito de interesses**

Não há conflito de interesses.

**Recebido**

11 jun. 2024

**Versão Final**

18 set. 2024

**Aprovado**

25 set. 2024

# É necessário termos algum sol dentro de nós: Etty Hillesum e a Literatura (de testemunho) como amor aos pósteros

*It is necessary to have some sun within us: Etty Hillesum and Literature (of testimony) as love for afters*

Maria Simone Marinho Nogueira<sup>1</sup> 

<sup>1</sup> Universidade Estadual da Paraíba, Departamento de Filosofia, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade. Campina Grande, PB, Brasil. E-mail: <marianogueira@servidor.uepb.edu.br>.

**Como citar este artigo:** Nogueira, M. S. M. É necessário termos algum sol dentro de nós: Etty Hillesum e a Literatura (de testemunho) como amor aos pósteros. *Reflexão*, v. 49, e2413293, 2024. <https://doi.org/10.24220/2447-6803v49a2024e13293>

## Resumo

Nosso objetivo neste estudo é, de forma geral, oferecer uma leitura possível das cartas de Etty Hillesum, já que a maioria dos estudos no Brasil que existem sobre esta escritora se concentra em seus diários. De maneira mais específica, buscamos responder a algumas perguntas, dentre estas, a de como pensar na correspondência desta mulher de espiritualidade bastante desenvolvida o que a teoria literária denomina por Literatura de Testemunho, uma vez que a sua escrita tem algumas particularidades que escapam estritamente àquela classificação. Propomos pensar, além disso, como a sua escrita reveste-se por uma preocupação com o futuro da humanidade e tem por base o amor de Hillesum pelos pósteros. A metodologia utilizada abarcou uma leitura crítico-analítica das cartas, seguida de perto pelos estudos sobre Etty Hillesum, onde utilizamos, majoritariamente, os textos de Maria Clara Bingemer com o intuito de pontuar um pouco do seu grande legado. Os resultados aos quais chegamos mostram a escrita de Hillesum como um testemunho importante de um tempo, enquanto se diferencia dos muitos textos lidos à luz da Literatura de Testemunho, uma vez que, para além da dor e do horror, encontramos na sua escrita também o humor, o amor e a beleza.

**Palavras-chave:** Amor. Cartas. Etty Hillesum. Humanidade. Literatura de testemunho.

## Abstract

*Our goal in this study is, in general, to offer a possible reading of Etty Hillesum's letters, since most existing studies in Brazil about this writer focus on diaries. More specifically, we seek to answer some questions, among them, how to think about the correspondence of this woman with a highly developed spirituality what literary theory calls Testimony Literature, since her writing has some particularities that strictly escape that classification. We propose to think, in addition, how her writing is based on a concern for the future of humanity and is based on Hillesum's love for posterity. The methodology employed consisted of a critical-analytical reading of the letters, closely followed by studies on Etty Hillesum, where we mainly used Maria Clara Bingemer's texts with the purpose of highlighting a little of her great legacy. The results attained show*

*Hillesum's writing as an important testimony of a time, as well as differing from the many texts read in the light of Testimony Literature, since in addition to the pain and horror, we also find in her writing the humor, love and beauty.*

**Keywords:** Ety Hillesum. Humanity. Letters. Love. Testimonial literature.

## Introdução

Iniciamos este artigo com algumas questões que, de alguma forma, devem ser refletidas ao longo do seu desenvolvimento, como as ideias do que podemos esperar de diários e cartas de uma jovem holandesa, de origem judaica, que viveu o horror de uma guerra mundial; como a escrita desta jovem pode ser analisada no cruzamento da literatura, da filosofia e da teologia; como conceber a decisão de alguém ir voluntariamente para um campo de transição, Westerbork, e de lá oferecer-nos dois tipos de testemunho que parecem entrar em choque e, mesmo assim, são capazes de tocar-nos profundamente; como pensar nos diários e nas cartas dessa mulher de espiritualidade bastante desenvolvida o que a teoria literária denomina por Literatura de Testemunho, uma vez que a escrita desta judia, muitas vezes, parece fugir daquela classificação e, por fim, o que esta jovem, que morre no campo de extermínio de Auschwitz, com apenas 29 anos, tem a dizer-nos ainda hoje, uma vez que já se passaram mais de 80 anos depois da sua morte. Procuraremos refletir estas inquietações ao longo deste artigo, concentrando-nos na correspondência da jovem holandesa e utilizando os diários apenas esporadicamente, como complementares às cartas<sup>2</sup>. Optamos por assim fazê-lo considerando que há mais estudos no Brasil sobre os diários do que a respeito da correspondência e, com isso, oferecemos ao público brasileiro outra perspectiva desta jovem escritora que nasceu em 15 de janeiro de 1914 na cidade de Middelburg, na Holanda, e que tem como nome Esther Hillesum ou, como ficou conhecida, Ety Hillesum.

### O testemunho de Ety: entre a dor, o humor e a beleza

De acordo com informações da Cruz Vermelha, Ety Hillesum morreu em 30 de novembro de 1943, na Polônia, pouco mais de dois meses depois que entra no trem da morte, em Westerbork, rumo a Auschwitz, aos 29 anos<sup>3</sup>. Seus pais e Mischa, seu irmão (mais novo que Ety), também morreram em Auschwitz. O outro irmão, o caçula, Jaap, embora tenha sobrevivido ao campo de concentração, faleceu quando estava voltando para a Holanda. Ety era a mais velha de uma família da burguesia intelectual judaica que não era praticante. Seus dois irmãos eram, assim como ela, igualmente inteligentes e brilhantes<sup>4</sup>. O pai deles, Louis Hillesum, era professor de línguas clássicas e seu amor pelos livros deve ter influenciado a paixão de Ety pela leitura. Já sua mãe, Rebeca Bernstein, de origem russa, tinha um gênio oposto ao do seu marido, ele era disciplinado, ela era

<sup>2</sup> Como *corpus* deste estudo, usaremos a tradução portuguesa da editora Assírio e Alvim, *Ety Hillesum. Cartas, 1941-1943* (2009); os diários, *Ety Hillesum. Uma vida interrompida. Diário de Ety Hillesum, 1941-43*, nas suas duas traduções para a língua portuguesa, uma mais antiga, da Editora Record (1981), e a mais atual da Editora Áyiné (2019) e, também, as traduções em inglês, espanhol e italiano (1996, 2007 e 2012). Quanto à bibliografia secundária, usaremos Bingemer (2004, 2011, 2015, 2023), Contaldo (2011), Gaarlandt (1996) Halbwachs (2006), Nogueira (2021), e Seligmann-Silva (1998). Embora o texto principal a ser utilizado neste artigo seja a correspondência, consultamos várias traduções dos diários porque há dias que aparecem em uma determinada edição e não aparecem em outras, precisando, assim, serem complementados e, também, porque lembramos de algumas passagens e as localizamos, de forma mais rápida, ora em uma, ora em outra tradução. Pelos anos indicados, esperamos deixar claro quais traduções estão sendo referenciadas.

<sup>3</sup> Maria Clara Bingemer (2015, p. 236), ao refletir sobre a deportação de Hillesum para Auschwitz, afirma: "Enfrentou com extrema coragem sua deportação de Westerbork, assim como seu posterior extermínio pelos nazistas, conhecido com antecedência, com serena aceitação. Ardia de desejo de dar-se, de oferecer-se aos outros, de dar sua vida para que esses que tanto sofriam ao seu redor pudessem alimentar-se".

<sup>4</sup> "[...] she was witty, vivid, eager to read books and to study philosophy, and in these ways she was far ahead of her school friends. Mischa was a brilliant musician who played Beethoven in public at the age of six. He was considered by many to be one of the most promising pianists in Europe. His talent as a musician dominated the daily course of the household. And her other brother, Jaap, discovered several new vitamins when he was seventeen, for which he won admission to the academic laboratories, an unusual honor for a medical student. He later became a doctor" (Gaarlandt, 1996, p. xvi).

caótica, e isso tornou a relação dos dois bastante tumultuada, como podemos ler em algumas passagens do *Diário*<sup>5</sup>.

A própria Etty, antes de seu processo de amadurecimento, ou seja, antes de conhecer Julius Spier, lembrava um pouco a personalidade da mãe. Julius Spier foi uma figura extremamente importante na vida de Etty Hillesum. Ele era judeu, nascido na Alemanha (em Frankfurt am Main) no ano 1887 e teve uma formação em psicanálise sob a orientação de Jung, mas não pertencia a nenhuma escola em particular. Se interessou pela psicoquirologia (estudo da psiquê por meio das impressões palmares) e foi o próprio Jung que o persuadiu a se tornar psicoquirologo em tempo integral. Gaarlandt (1996, p. xiv) diz que Julius Spier era descrito pelos seus admiradores, sobretudo pelas mulheres, como possuindo uma personalidade mágica e que, por onde passava, sempre atraía muitos discípulos.

A jovem Etty faz uma espécie de terapia nada convencional com Spier (a quem nomeia apenas pela letra S no seu diário) e é ele quem a incentiva a escrever e apresenta-lhe Deus, ou ao menos faz com que ela pronuncie este nome em um misto de oração e poesia<sup>6</sup>. Em pouco tempo de tratamento, os dois tornam-se amigos e amantes. Julius Spier faleceu em 1942 em Amsterdam, o que impactou bastante Etty, como podemos ler nas anotações de 15 de setembro de 1942<sup>7</sup> e que aqui destacaremos uma passagem apenas para introduzir um dos aspectos que encontramos também nas Cartas, nosso objeto de estudo, para refletirmos um pouco sobre a singularidade do testemunho de Hillesum.

Meu coração sempre voará como um pássaro livre em sua direção, de qualquer lugar no mundo, e sempre o encontrará. [...] Durante a minha vida você se tornou de tal forma um pedaço de céu que se curva sobre mim que preciso somente voltar os meus olhos para o céu para estar junto de você. E mesmo que eu esteja em uma cela subterrânea, aquele pedaço de céu estará estendido dentro de mim e meu coração voará como um pássaro livre para aquele céu e por isso tudo é tão simples, sabe, tudo tão incrivelmente simples, belo e pleno de sentido (Hillesum, 2019, p. 301).

Percebamos que Etty escreve essas palavras em um momento de muita dor, pois acabara de saber da morte do seu grande amor, Julius Spier. No entanto, mesmo em meio à dor, sua escrita mostra-se metaforicamente bela, e o que é mais importante, essa beleza, ou essa forma de cultivar com belas imagens seu espaço interior, faz com que ela consiga equilibrar o horror do cenário externo, em que está inserida, com o amor do espaço interno que a nutre constantemente, a ponto de poder afirmar que, mesmo “em uma cela subterrânea”, ela pode se sentir “um pássaro livre” voando pelo céu, pois tudo para ela é pleno de sentido. É exatamente esta plenitude que torna a escrita de Hillesum algo peculiar em relação ao que é chamado de Literatura de Testemunho<sup>8</sup>.

Tomemos como ilustração o estudo *Literatura de testemunho: os limites entre a construção e a ficção* (Seligmann-Silva, 1998), embora não estejamos, nem seja possível comparar o *Diário* ou as *Cartas* de Hillesum com os *Fragmentos* de Binjamin Wilkomirski (1998). De toda forma, naquele

<sup>5</sup> Para essas e outras informações sobre a vida de Etty Hillesum, que já foi bastante explorada em congressos e publicada em artigos e livros, ver Nogueira (2021, p. 27-51) e Santos (2018), além dos diários de Hillesum (1981, 1996, 2007, 2009, 2012, 2019).

<sup>6</sup> Em um passo do *Diário*, em 15 de setembro de 1942, lemos: “Foi você que libertou em mim as forças de que disponho. Você me ensinou a pronunciar o nome de Deus sem preconceitos. Você foi o mediador entre Deus e mim e agora você, mediador, partiu, e daqui em diante meu caminho vai direto a Deus, e eu sinto que está tudo bem. E por minha vez, serei a mediadora para todos os outros que eu puder alcançar” (Hillesum, 2019, p. 301).

<sup>7</sup> Antes das anotações de 15 de setembro de 1942, há nas traduções para a língua portuguesa (2019; 1981) para a língua inglesa (1996) e para a língua espanhola (2007), uma observação sobre os possíveis motivos de Etty ter interrompido a escrita do seu diário entre os dias 29 de julho a 5 de setembro daquele ano. Essa interrupção se deu devido ao fato de ter sido convocada para Westerbork, ida solicitada de forma voluntária por ela própria e, também, por causa da doença e morte repentina de Julius Spier. As informações completas encontram-se na edição portuguesa (Hillesum, 2019, p. 301) e na edição inglesa (Hillesum, 1996, p. 197).

<sup>8</sup> Sobre a Literatura de Testemunho há uma vasta bibliografia. Referenciamos, apenas para ilustrar, Agamben (2008), Bingemer (2015, 2023); Gagnebin (2006), Salgueiro (2012), Seligman-Silva (2010).

artigo muito interessante de Márcio Seligmann-Silva, ele afirma algumas características da Literatura de Testemunho, tendo por horizonte os escritos de Primo Levi, Ida Fink, Robert Antelme, Charlotte Delbo e Ruth Klüger. Mostra, por exemplo, como, para aqueles que tiveram a experiência traumática da Segunda Guerra Mundial, o único mundo existente é o campo; como as experiências que ali se vivem são indescritíveis; como não há espaço, na escrita do campo, para metáforas, e como a memória fragmentada dá mais espaço para as “imagens secas” do que para a ironia. Nas suas próprias palavras:

Na literatura de testemunho de um modo geral, [...] é frequente essa concepção do Campo como constituindo ‘a única realidade’ e a afirmação da impossibilidade de saída dele, da impossibilidade de libertação dele. [...] É um chavão dizer que essas experiências-limite são indescritíveis: [...] As pessoas num Campo de Concentração são literalmente queimadas, a fome literalmente mata, o mais forte é literalmente dono de você etc. Não há espaço para a metáfora – apenas para a metamorfose. Há espaço apenas para as acima referidas imagens secas, para os hieróglifos da memória fragmentada, para a literalidade da escrita: [...] Aqui, portanto, sem desaparecer totalmente, deixam de comandar a produção artística os jogos das vanguardas com a ironia e com a alegoria (Seligmann-Silva, 1998, p. 19, 20 e 22).

Bem, é fato que Etty Hillesum escreve, dentre outras coisas, uma longa carta, a de número 64 na edição portuguesa que estamos utilizando<sup>9</sup>, sendo esta uma carta que traz muitos dos aspectos citados por Seligman-Silva na citação acima. Tanto é assim que seu tom difere completamente, por exemplo, do seu sonho de ser uma cronista, que aparece várias vezes no seu Diário (Hillesum, 2019) – para ilustrar, nas páginas 80, 85, 244, 251, 292, 353 – e onde ela declara, entretanto, que não quer se “tornar a cronista dos horrores” (Hillesum, 2019, p. 354), pois, para ela, já haverá suficientes e, tampouco quer escrever de forma sensacionalista. Mesmo assim, o que ocorre no dia 24 de agosto de 1943, uma terça-feira (dia do transporte no campo de trânsito), faz Hillesum repensar até mesmo a ideia de Deus ter feito o homem à sua imagem e semelhança, a ponto de ela declarar a si mesma, em voz alta no meio da noite, que estava no inferno<sup>10</sup>. Além disso, escreve, fazendo coro à Literatura de Testemunho ilustrada por Seligman-Silva, mais acima, que não existem palavras, nem imagens para descrever o que ela testemunhou naquele dia. Relata Hillesum (2009, p. 209) na Carta 64:

Quando penso nos rostos daquele pelotão de acompanhamento de guardas de uniforme verde armados – meu Deus, aqueles rostos! Olhei-os um a um, escondida por trás de uma janela, e nunca na minha vida houve algo que me deixasse tão assustada. Pus em causa as palavras que constituem o *leitmotiv* da minha vida: E Deus criou o Homem à Sua imagem. Esta passagem viveu comigo uma manhã difícil.

Sobre o fato de Etty estar escondida, esclarece-nos uma nota da edição portuguesa (2009, nota 2, p. 209), que isso se deu porque, na manhã do transporte, as pessoas não autorizadas deveriam permanecer nos seus barracões, quem assim não o fizesse infringia a regra campal de número 8 e, naturalmente, sofreria as consequências por esta infração. Mesmo assim, Hillesum se esconde e, da janela, observa, não sem espanto, tudo que acontece e procura registrar alguma coisa, com a consciência de que naquele momento ela é os ouvidos e os olhos de um pedaço da história,

<sup>9</sup> Sobre a peculiaridade desta Carta 64 e da Carta de número 23, publicadas ilegalmente no outono de 1943, veja-se a nota 1 (p. 75) e a nota 1 (p. 209) da edição portuguesa (Hillesum, 2009). Transcrevemos aqui parte dessas notas. Em relação à de número 23, lemos: “Esta carta foi, em conjunto com a carta 64, publicada ilegalmente no Outono de 1943, numa tiragem de cem exemplares, sob o título: Drie brieven van den kunstchilder Johannes Baptiste van der Pluym (1843-1912) [...]”. Já a de número 64 afirma: “[...] O historiador J. Presser inspirou-se nas duas cartas de Etty clandestinamente publicadas para escrever a sua novela *De Nacht der Girondijnen* (*A noite dos Girondistas*, Amsterdão, Meulenhof, 1957, 1984)”.

<sup>10</sup> Depois de ser mostrada como uma pensadora refinada, tendo como fonte uma passagem do Diário em que Hillesum reflete sobre alguns livros que lhe eram caros, Maria Clara Bingemer escreve: “Nos últimos tempos de sua vida, os escritos de Etty são sobretudo cartas. Despojada de todo poder, essa jovem de 27 anos já não faz refinadas reflexões sobre o conhecimento, a literatura, ou coisas semelhantes. Escreve cartas aos outros. Cartas do inferno do campo de concentração, onde, com permissão para uma carta por quinzena e aberta, vai descrevendo a miséria do campo, o sofrimento das mães, a ansiedade e a angústia pelo “transporte” para Auschwitz; apesar de tudo tem a certeza de que a vida é gloriosa e magnífica” (Bingemer, 2004, p. 260).

mesmo que seja uma pequena voz, mas quer contribuir para o que chama de grande mosaico que deve ser preenchido ao término da guerra. Como também não queremos ser cronistas de horrores, faremos aqui apenas mais uma citação do inferno que Etty narra nesta carta:

Mas aqueles bebês, aqueles gritinhos penetrantes dos bebês que são retirados das suas caminhas, a meio da noite para serem levados para um país distante. Tenho de escrever tudo de forma desorganizada, rapidamente, porque se deixar para mais tarde, já não conseguirei fazê-lo, não acreditarei que isso aconteceu realmente; já é como uma visão que, flutuando, se afasta cada vez mais de mim. Os bebês foram, sem dúvida, o pior. E depois houve ainda aquela menina paralisada que já não quis levar um prato consigo e achava tão difícil morrer. E o rapaz assustado: julgava estar seguro e foi esse seu erro; inesperadamente, também tinha de partir, teve um ataque de loucura e fugiu (Hillesum, 2009, p. 210)<sup>11</sup>.

Como podemos notar nas duas passagens da Carta 64 que fizemos, muito do que Seligman-Silva apresenta-nos como características da Literatura de Testemunho nela comparecem, como a realidade do campo que tudo mata, sua visão de mundo; sua fé; seus sentimentos; sua metamorfose em algo não mais humano, posto que passa a duvidar da sua própria humanidade e da humanidade dos outros, e a sua dor e a dos outros que transforma a sua escrita, literalmente, em imagens secas, cuja linguagem não alcança a experiência-limite dolorosamente sentida. De fato assim o é, já que Etty Hillesum sente-se perdida e questiona se alguém, algum dia, conseguirá descrever ao mundo o que lá se passou. Tanto é desse modo também que, na Carta de número 68, escrita para sua amiga Maria Tuinzig, ela refere-se à Carta de número 64 como um relato jornalístico, não sendo, portanto, para o gosto de “Mariazinha”.

De toda forma, embora os relatos das cartas apresentem, na nossa leitura, uma escrita mais próxima da Literatura de Testemunho do que a escrita dos diários, mesmo assim, neles há espaço para beleza e para o humor. Ademais, a escrita de Hillesum, seja a dos diários, seja a das cartas, é feita, praticamente, no momento em que os fatos são observados ou vividos por ela, o que representa outro aspecto que a diferencia da maioria dos relatos de testemunho, já que nestas narrativas a escrita ocorre algum tempo depois do vivido e, acrescentando que este vivido, trata-se de uma experiência-limite, o esforço para ultrapassar o trauma, assim como o esforço do exercício da memória é muito maior. Mas vejamos, para ilustrar o que estamos chamando de beleza e de humor, algumas passagens da correspondência da jovem holandesa. Na Carta de número 29, endereçada a Osias Kormann<sup>12</sup>, que ela conheceu em Westerbork e com quem manteve uma amizade íntima e para o qual endereça muitas cartas, lemos: “Tenho um médico que fica sempre furioso quando entro no consultório com um rosto sorridente, diz que é imperdoável ainda rir em tempos como este. Não acho que ele tenha razão; o que dizes?” (Hillesum, 2009, p. 105).

Na Carta de número 30, Etty fala de forma bem humorada sobre o grande paradoxo que existe entre o seu corpo e o seu espírito: “[...] o espírito está mais vivo e criativo do que nunca, o corpo, porém, ainda não forma uma construção suficientemente sólida para suportar este espírito tão intenso” (Hillesum, 2009, p. 106). E, na Carta 32 (estas últimas duas também dedicadas ao seu amigo Kormann), escreve de forma efusiva, como quem está contando uma grande novidade: “[...] nasceu-me o dente do siso, por entre dores fortes, é certo, mas comprovou finalmente a sua existência. Por isso, ainda há esperanças de que eu possa ficar mais ajuizada” (Hillesum, 2009, p. 106, 109). Poderíamos aqui multiplicar as passagens sobre o bom humor que encontramos nas cartas de Etty, mas vejamos, para finalizar este tema, algumas passagens em que ela escreve sobre

<sup>11</sup> Na sequência da carta, somos informados por Etty que os colegas do rapaz que fugiu foram obrigados a procurá-lo, senão dezenas de outros partiriam em seu lugar. Eles o encontraram, mas, mesmo assim, cinquenta deles foram levados para o trem como exemplo.

<sup>12</sup> Para mais informações sobre Kormann (ele sobreviveu ao Campo) veja-se a nota 1, da Carta 9 (Hillesum, 2009, p. 47).

o sentido de humor do seu pai, que também se encontra, como a mãe e o irmão do meio de Etty, em Westerbork. Trata-se da Carta de número 56, que ela envia a sua amiga Maria Tuinzing.

O pai está doente num chiqueiro com 130 pessoas. 'Albergue Nocturno', diz ele, e ri com ironia. [...]. Ontem veio cá uma senhora amável e trouxe-lhe um presente digno de um rei: um rolo de papel higiénico. [...] O pai agradeceu-lhe com uma cortesia excepcional. [...] Ele é dono de um sentido de humor inato que vai ficando mais profundo e vivo à medida que este grotesco processo de empobrecimento em que ele se encontra assume proporções mais lamentáveis (Hillesum, 2009, p. 186-187)<sup>13</sup>.

Ora, seja referindo-se a si própria, seja ao seu pai, o bom humor comparece nas cartas escritas de Westerbork e não nos parece apenas como uma forma de efeito, vazia de sentido, para deixar confortável aqueles a quem ela se dirige e que se encontram fora do campo. Sabemos da debilidade corporal de Etty, mas também sabemos da sua força criativa. Sabemos da sua capacidade de sorrir verdadeiramente e se sentir plena, embora naturalmente isso não seja fácil, pois ela mesma escreve em uma carta (a de número 20) que o que ali as pessoas passam é demasiado, mas que é preciso lutar contra determinados sentimentos contraditórios para poder escrever. No dia desta carta, por exemplo, ela escreve o que chama de um bilhete, pois se sente em um matadouro. Mesmo assim, resiste e procura certo equilíbrio entre os espaços interior e exterior, daí o bom humor vir em seu socorro e dos seus, como seu pai, mesmo contrariando o mundo que se descortina à sua frente. Afinal, como afirma em um passo do Diário (4 de agosto de 1941), e que citamos em um texto nosso sobre Etty (Hillesum, 2019, p.71): "Às vezes anseio por uma cela de mosteiro, com a sabedoria sublimada de séculos em prateleiras de livros nas paredes e com vista para os campos de trigo [...], e ali gostaria então de me aprofundar nos séculos e em mim mesma, e com o tempo viriam por fim paz e clareza". Ela afirma a clareza, a paz e o equilíbrio que precisa encontrar no lugar onde está e complementa: "O tempo todo tenho que me jogar na realidade, tenho que me confrontar com tudo o que encontro no meu caminho, o mundo exterior tem que ser alimentado pelo meu mundo interior e vice-versa [...]" (Hillesum, 2019, p. 71).

Daí a necessidade também da beleza. Por mais que a jovem holandesa seja bastante exigente com a sua escrita, a ponto de achar que ela nunca é boa o suficiente<sup>14</sup>, que lhe falta a forma perfeita, ou que as palavras devam estar inseridas organicamente em um grande silêncio, como as gravuras japonesas (Nogueira, 2021, p. 40) e que como escreve na Carta de número 23,

Certa noite de verão, estava a comer couve-roxa junto do campo de tremoceiros-amarelos que se estendia do nosso refeitório até ao barracão das desinfestações e, numa inspiração repentina, achei que 'alguém devia escrever as Crônicas de Westerbork'. Um homem mais velho, [...] respondeu: 'Sim, mas, para isso, era necessário ser-se um grande poeta'. Ele tem razão, era necessário ser-se um grande poeta; pequenos artigos jornalísticos já não servem (Hillesum, 2009, p. 79).

Na continuação do que foi escrito acima, Etty reflete sobre o fato de a Europa estar se tornando um grande campo de concentração, de como ela (Etty) é contemplativa por natureza e, por isso, não deve ser a melhor pessoa para descrever algo específico. No entanto, ela pensa que a matéria-prima da vida é a mesma por todo lado, não importando onde estejamos (em uma aldeia indígena, em uma metrópole, em uma mina de carvão na Silésia), pois, segundo ela, por exemplo, a Ursa Maior será sempre a mesma. Se assim o é, é "possível levar uma vida com sentido em qualquer lugar no mundo" (Hillesum, 2009, p. 80). Parece-nos, pois, inimaginável que alguém com este

<sup>13</sup> Sobre o "Albergue Nocturno", há uma nota que explica a referência feita pelo pai de Etty e demonstra também toda a sua cultura letrada: "Referência à peça de teatro *Op de Bodem* (*No chão*), de 1902, também conhecida pelo título alemão *Nachtasyl*, do escritor russo Máximo Gorki (1868-1936). A peça passa-se num albergue nocturno frequentado por pobres" (Hillesum, 2009, nota 2, p. 186, N. da E.).

<sup>14</sup> Muito embora, numa anotação de 7 de julho de 1942, ela escreva: "Tenho mentalidade de artista e acredito que mais tarde, quando sentir que é necessário contar tudo, também haverá talento suficiente em mim" (Hillesum, 2019, p. 244).

nível profundo de pensamento e de poesia pudesse ainda não se sentir capaz de escrever como gostaria, pois ela diz um pouco mais à frente, na mesma carta: “E assim, aqui estou, a uma hora inesperadamente tardia, perante uma folha em branco [...]” (Hillesum, 2009, p. 80). Vejamos, então, para concluir esta parte do nosso artigo, algumas citações das cartas que não teríamos nenhum problema de reproduzir em abundância, dada a quantidade de belas descrições que Etty oferece aos pósteros.

[...] Resta apenas um pequeno pedaço num canto mais afastado do campo, e é nele que me encontro agora, ao Sol, sob um maravilhoso céu azul, entre arbustos rasteiros. [...] Esta manhã apareceu um arco-íris sobre o campo e o sol brilhou nas poças de lama. [...] Do meu catre vejo ao longe as gaiotas avançando pelo liso céu cinzento. São como pensamentos livres avançando por um espírito aberto. [...] Por trás dessa tenda vê-se um pôr do sol diferente todas as noites. Há muitas paisagens neste campo na charneca de Drente. Acredito que o mundo é lindo, mesmo aqueles lugares que os livros de Geografia descrevem como áridos, inférteis e desprovidos de fantasia. Até porque a maioria desses livros não presta para nada; na verdade, vamos ter de reescrevê-los a todos (Hillesum, 2009, p. 119, 184, 189, 203).

A primeira citação encontra-se na Carta 37 onde Etty observa o campo do lado de dentro do arame farpado, um pouco espantada com o aumento dos barracões (e do que isso significa) e com o pouco espaço livre que sobra. Mesmo assim, é nesse pequeno espaço, ao sol, de um céu maravilhosamente anil que ela se encontra naquele momento sem que o arame farpado a incomode. Na segunda citação (Carta 56), ela entra no barracão-hospital muito alegre pelo simples fato de ter visto o arco-íris como efeito do sol nas poças de lama. Porém, teve que contar uma pequena história para as mulheres que lá estavam, porque elas lhe perguntaram quando viram seu semblante: “Traz boas notícias? Vem tão alegre”, e ela simplesmente não poderia dizer-lhes que a única razão da sua alegria era aquele arco-íris. A terceira citação encontra-se também na Carta 56 e nela vemos que, mesmo na sua pequena cama, dentro de um barracão cheio de outros catres, Etty pode observar as gaiotas e compará-las a pensamentos livres como eram os dela, apesar de todo o contexto em que se encontrava. A última citação está na Carta 61, e ela fala do pôr do sol que não se repete a cada noite e de como há belas paisagens até no campo, por isso ela pode acreditar que o mundo é realmente lindo.

Levando em consideração o que foi apresentado nesta parte do nosso texto, não nos parece difícil defender a ideia de que a escrita de Etty Hillesum é uma Literatura de Testemunho, mas, por outro lado, ela difere em muitos aspectos do que se espera ou do que se conceitua como tal, uma vez que, entre a dor e o horror, não deixamos de encontrar o humor e a beleza. Nesta última parte da citação acima, ela própria afirma que teremos que reescrever boa parte dos livros de geografia, pois eles são desprovidos de fantasia. Também não encontramos em sua escrita somente uma linguagem por demais real, seca; encontramos beleza, humor, ironia, metáforas e belas imagens que fazem dela a cronista de todo um campo de concentração, no sentido de que todo campo precisa de um poeta, e ela o é até quando se dá conta das mortes que ocorrem diante dos seus olhos, como lemos no final da Carta 37:

O céu está cheio de pássaros, os tremoceiros-roxos têm um ar tão majestoso e sereno, duas senhoras idosas foram sentar-se no caixote, tagarelando, o Sol ilumina-me o rosto e um genocídio é cometido mesmo diante dos nossos olhos: é tudo incompreensível. Comigo está tudo bem. Beijos, Etty (Hillesum, 2009, p. 121).

A grande homenageada do dossiê do qual este artigo faz parte, a professora e teóloga Maria Clara Bingemer, em um texto primoroso que tem como título *Três mulheres judias diante do Holocausto*, onde aborda Simone Weil, Edith Stein e Etty Hillesum, mais precisamente na parte em

que trata desta última, fala sobre o bom humor de Etty (Bingemer, 2004, p. 242) e, também, sobre a sua linguagem poética e bela (Bingemer, 2004, p. 258). É fato que ali refere-se precisamente aos diários, e não às cartas. Porém, de toda forma, em outro texto seu, *A liberdade do espírito em duas escritoras místicas contemporâneas: Etty Hillesum e Adélia Prado*, ao refletir sobre o processo de amadurecimento da jovem holandesa que, de algum modo, tomamos conhecimento por meio da sua escrita, assevera, em uma linguagem à altura da de Etty:

Assim, pode-se observar no processo por Etty narrado em seu diário e em suas cartas que, enquanto a exterioridade em torno a si se estreitava (restrições, racionamentos, prisões, deportações, sofrimentos de todos os tipos), sua interioridade ia alargando-se e ampliando-se até o infinito (por meio de oração, disciplina, autoconhecimento e amor cada vez maior pelos outros e por Deus) (Bingemer, 2015, p. 239)<sup>15</sup>.

É acerca deste amor, cultivado dentro do Campo de Westerbork, no confronto entre a vida e a morte, que gostaríamos de refletir um pouco na próxima seção deste artigo, abordando-o na sua relação com a escrita e a memória.

### **Amar, lembrar, registrar, historiar, morrer e viver**

Retomemos uma das perguntas colocadas na introdução deste artigo e esperemos que a nossa tentativa de resposta nos ajude a refletir sobre os outros questionamentos colocados, já que pensamos ter respondido à questão sobre a Literatura de Testemunho e com esta, em parte, o fato de Etty ir voluntariamente para o Campo de Westerbork. Fiquemos, pois, com a escrita de Hillesum no cruzamento da literatura, da filosofia e da teologia. Começemos por pensar um pouco na questão da memória, já que esta, necessariamente, faz parte de toda e qualquer escrita, sobretudo a de Literatura de Testemunho. Afirmamos na seção anterior que o ato de escrever de Etty se dá de forma muito próxima da ação que ocorre e algumas escritas chegam mesmo a ser feitas no momento em que algo está acontecendo<sup>16</sup>, como vimos na Carta 64, onde ela diz que, mesmo de forma desorganizada, tem que registrar, pois tudo é tão absurdo e tão difícil que, se ela deixar para depois, não vai conseguir, porque não acreditará que realmente todas aquelas atrocidades aconteceram. Vejamos, desse modo, algumas passagens da Carta 23, em que o registro de Etty transforma-se em história, à medida que ela tenta descrever o Campo de Westerbork.

Nos primeiros dias, deambulei por ali como que pelas páginas de um livro de História. [...]: não sou nenhuma poetisa e, além do mais, sinto-me bastante desesperada, [...] pois, apesar de o nome Westerbork ter para nós<sup>17</sup> uma forte conotação que durará pelo resto de nossas vidas, não saberia ainda, ao certo, o que dizer sobre a vida neste local (Hillesum, 2009, p. 77, 80).

Na continuação da carta, Etty decide, então, talvez para não divagar tanto, já que se acha contemplativa demais, fazer uma espécie de inventário de Westerbork e, a partir daí, naturalmente tomamos conhecimento do que existe no campo e como ele funciona. Seria preciso citar a carta inteira para termos uma visão geral do que é descrito, mas, como isso não é possível, mostraremos apenas alguns momentos desta descrição. Assim, logo depois de falar sobre a “ideia do inventário”, a jovem de Middelburg relata:

<sup>15</sup> Com o cultivo deste espaço interior cada vez maior, Etty pôde pensar em ser uma sobrevivente do Campo, como lemos numa passagem do *Diário*, em que ela já aparece como cronista: “[...] mais tarde, quando tiver sobrevivido a tudo, então escreverei histórias sobre esse período que serão como finas pinceladas contra um grande pano de fundo, sem palavras, de Deus, Vida, Morte, Sofrimento e Eternidade” (Hillesum, 2019, p. 251).

<sup>16</sup> Por exemplo, na Carta 41, a Christine van Nooten, Etty diz: “Agora, estamos no meio de uma tempestade de areia; consegues ler o que escrevo? Aqui tudo é tão louco e incompreensível e desesperado e cômico ao mesmo tempo. O que escrevo também está tudo misturado, mas não é possível ser de outra forma, neste lugar” (Hillesum, 2009, p. 129).

<sup>17</sup> O “nós” aqui refere-se a ela e a Herbert Kruskal (provavelmente), quem ela identifica na carta apenas com a letra K. Conforme a nota 1 da edição portuguesa (2009, p. 76), tratava-se de um judeu alemão que chega ao Campo de Westerbork e com quem Etty fez amizade. Kruskal foi um sobrevivente do campo.

Temos um orfanato, uma sinagoga, uma pequena casa mortuária e uma oficina de fabrico de calçado prevista para breve. Ouvi falar da construção de um hospício, e a última informação de que disponho é a de que o complexo dos barracões-hospital, em expansão, alberga já mil camas. [...] Embora os edifícios do campo sejam todos térreos, ouvem-se por lá tantos sotaques como se a Torre de Babel tivesse sido erigida entre nós<sup>18</sup>: [...] Por um lado, está a formar-se uma comunidade estável, uma comunidade forçada, na verdade, mas possuindo, porém, todas as características de uma sociedade humana; por outro lado, é um campo para um povo em trânsito, [...]. Foi um dia curioso, estranho, aquele em que católicos judeus ou judeus católicos – o que quer que lhe queiram chamar – chegaram num transporte; freiras e padres com a estrela amarela nos hábitos. [...] Em poucos meses, a população de Westerbork aumentou de 1000 para cerca de 10 000 habitantes (Hillesum, 2009, p. 81, 83, 84, 87 e 93).

Não precisamos dizer que o relato de Hillesum se torna história à medida que temos uma descrição detalhada feita por uma testemunha do Campo de Westerbork. A própria Etty diz que o percorre como quem lê as páginas de um livro de história e, apesar de lamentar-se por não ser poetisa, afinal, lembremos, “é preciso ser um poeta para descrever o campo”<sup>19</sup>, procura fazer um inventário de algo cujo significado, seja ele qual for, marcará a sua vida para sempre. Neste inventário, é possível visualizar, quase com precisão, Westerbork, seus prédios, o que ocorre em cada um deles, suas línguas, seus sotaques, enfim, a formação de uma comunidade estável, por um lado e, por outro, instável, já que se trata de um campo de trânsito. Também não deixa de ser interessante o fato de Hillesum se referir a um grupo que ela não sabe muito bem como nomear (padres, freiras, católicos judeus ou judeus católicos) que chega em Westerbork em agosto de 1942. Pois bem, neste grupo estava a filósofa alemã Edith Stein (Edith Theresa Hedwig Stein)<sup>20</sup> que, assim como Hillesum, era de origem judia, mas, diferente da holandesa, tratava-se de uma judia praticante, se assim podemos nos expressar. Além disso, já na sua fase adulta, como também Etty, Edith se interessa pelo cristianismo, porém, de forma diferente da holandesa, converte-se de fato ao catolicismo, entrando para a Ordem Carmelita, onde assume o nome de Benedita da Cruz, sendo posteriormente, em 11 de outubro de 1988, canonizada pelo Papa João Paulo II como Santa Teresa Benedita da Cruz.

Apesar de não se conhecerem, as duas apresentam elementos em comum, como afirma Maria Clara Bingemer, ao tratar de Etty Hillesum e de Edith Stein<sup>21</sup>. Ambas têm origem judia, apresentam uma relação de pertença a esta religião, ainda que em graus diferentes, passam por uma experiência radical de conversão religiosa, vivem uma experiência mística que é determinante para suas vidas e “tiveram que defrontar-se e definir-se diante da sombra mais obscura que infeccionou

<sup>18</sup> Na continuação desta parte, ela escreve: “da Bavária e de Groninga, da Saxónia e do Limburgo, de Haia e da Frísia Oriental; alemão com sotaque polaco e alemão com sotaque russo, neerlandês com sotaque alemão e alemão com sotaque neerlandês, à maneira da *Waterlooplein* de Berlim – recordo-vos de que estou a falar de uma área de meio quilómetro quadrado” (Hillesum, 2009, p. 83). Em *Waterlooplein* há uma nota da edição portuguesa, a de número 2, onde lemos: “Possivelmente, uma referência irónica às setes torres de vigia de onde os guardas podiam vigiar o campo” (Hillesum, 2009, p. 83). Também é uma praça no centro de Amsterdã cercada por alguns prédios importantes. O nome também está ligado à Batalha de Waterloo de 1815.

<sup>19</sup> Esta ideia encontra-se na Carta 23 e já a abordamos. No final da Carta 47, ela volta a falar sobre isso quando reflete sobre a desgraça que ali ocorre, ultrapassando todos os limites da realidade e tornando-se irreal: “Na verdade, deveria ser necessário ser-se um grande poeta para descrevê-las; talvez daqui a dez anos consiga estar perto disso [...]” (Hillesum, 2009, p. 164).

<sup>20</sup> Também sua irmã Rosa estava neste grupo descrito por Etty. Em nota da edição portuguesa, lemos: “Rosa fugiu da Alemanha. Sem dinheiro, foi recebida no convento carmelita. Também se converteu ao Catolicismo, mas não se juntou à ordem religiosa. Participava, contudo, em todas as actividades do convento. Por volta das 17h00 do dia 2 de Agosto de 1942, foram capturadas, chegando a Westerbork no dia seguinte, depois de terem passado por Amersfoort. A 7 de Agosto, partiram no transporte. Dois dias depois, as duas irmãs morreram nas câmaras de gás de Auschwitz” (Hillesum, 2009, nota 2, p. 87 N. da E.).

<sup>21</sup> Na verdade, neste estudo, Bingemer escreve sobre três mulheres, Simone Weil, Etty Hillesum e Edith Stein. Apesar de concordarmos com a leitura que é feita pela professora Maria Clara Bingemer e por visualizarmos também muita coisa em comum entre Simone Weil e Etty Hillesum, deixamos Weil de fora aqui, pois estamos apenas chamando a atenção para este fato histórico, qual seja, o fato de Edith Stein ter passado pelo campo de trânsito no mesmo período em que Etty Hillesum lá estava e pelo fato de Etty destacar isso em uma de suas cartas quando fala sobre o grupo de freiras com a estrela amarela nos hábitos e de como ela achou isso estranho.

a vida da humanidade neste período da história: o holocausto nazista”. Ademais, afirma Bingemer, destacando a questão do gênero feminino, como o faz, de forma importante, em muitos dos seus textos<sup>22</sup>, a reflexão dessas mulheres “[...] é levada a fazer-se sobre os fundamentos sem pressupostos daquilo que é humano não por conhecê-lo teoricamente, mas por vivê-lo dolorosamente no fundo das entranhas” (Bingemer, 2004, p. 216-217).

Para além deste fato histórico (a passagem de Edith Stein pelo campo de Westerbork), chama-nos a atenção também, sem deixar de ser assustador, o número de pessoas apresentado por Hillesum no Campo de Westerbork, que, em poucos meses, passou de 1000 para 10000. Todas essas pessoas e toda a estrutura física que Hillesum descreve no seu “inventário” contribuem para o que ela chama de uma comunidade estável, forçada, mas estável, apesar do transporte (todas as terças) que todos temem e que dá a Westerbork sua instabilidade, ou seja, faz dele um campo de trânsito. Mesmo assim, ou por isso mesmo, o campo se transforma em um mundo dentro de outros mundos, tendo até uma espécie de “submundo” que Etty se dá conta exatamente quando tenta evitar que alguém seja incluído no transporte (cf. Carta 47, 2009, p. 159), mesmo sem entender muito bem como funciona. Ao procurar compreender minimamente todo esse mecanismo, afirma que “Isto é um completo manicômio do qual teremos de nos envergonhar ainda por três séculos” (Hillesum, 2009, p. 165).

Etty Hillesum tem uma consciência coletiva bastante desenvolvida à medida que assume Westerbork como seu mundo, e tudo que nele está, ainda que pense que as pessoas ainda não tenham adquirido uma consciência histórica comum, mas, mesmo assim, afirma que o que ali se passa faz parte da história da mentalidade da sua época e que em algum momento as pessoas deveriam refletir sobre tudo isso. Afinal, para Hillesum, não se trata apenas da estrutura do Campo de Westerbork que ela apresenta no seu inventário. Trata-se, sobretudo, dos seres humanos e, como ela escreve, quando estamos no meio deles, “[...] voltamos a dar-nos conta de que, onde há pessoas, também há vida, e que esta se revela nos milhares de *nuances*, ‘com um sorriso e uma lágrima’ [...]” (Hillesum, 2009, p. 85). E isso reforça sua maneira de pensar e conceber o mundo quando diz que qualquer situação, seja ela qual for, contém em si o bem e o mal. Este paradoxo, por sua vez, faz com que pense: “Entre o arame farpado e as cordas onde está a secar a roupa encardida, entregámo-nos em divagações filosóficas acerca dos aspectos surpreendentes e incompreensíveis desta existência sub-humana”. Por outro lado, enfatiza, em uma passagem que nos lembra, sobretudo na sua primeira parte, Agostinho de Hipona<sup>23</sup>: “As regiões da alma e do espírito são tão vastas e intermináveis que este bocadinho de desconforto físico e sofrimento não importam realmente muito, não me sinto despojada da minha liberdade e, na verdade, também ninguém me pode fazer mal” (Hillesum, 2009, p. 146, 143).

Ora, quando lemos todas essas passagens das cartas lembramos de um excerto do livro de Maurice Halbwachs, *Memória coletiva*, não apenas quando ele levanta a hipótese de organização das nossas lembranças, seja em torno de uma pessoa (memória individual), seja em torno de uma sociedade grande ou pequena (memória coletiva), como também quando estabelece a importância do vivido na construção da memória e assevera: “Nossa memória não se apoia na história aprendida, mas na história vivida” e continua: “[...] a história vivida se distingue da história escrita: ela tem tudo o que é necessário para constituir um panorama vivo e natural sobre o qual se possa basear um

<sup>22</sup> Sobre esta forma peculiar de manifestação das coisas, sobretudo do sagrado, na mulher, consulte o texto de Maria Clara Bingemer (2011).

<sup>23</sup> Sobre um paralelo entre Agostinho e Hillesum, consulte Sílvia Maria de Contaldo, que, dentre outras coisas, escreve: “Semelhante à escrita autobiográfica de Agostinho, que se traduz em fala amorosa com Deus e brota de dentro porque buscada no veio mais profundo, a narrativa de Etty também transborda em mística” (Contaldo, 2019, p. 16).

pensamento e conservar e reencontrar a imagem de seu passado” (Halbwachs, 2006, p. 78-79, 90). Parece-nos ser, exatamente, sobre este vivido que se apoia a memória, a lembrança e o registro que Hillesum deixa para os pósteros, uma vez que somente olhando para o vivido desta jovem é possível, no nosso entendimento, ter uma compreensão do seu testemunho à medida que é a mesma Etty que afirma (com apenas três dias de diferença), por um lado, que, no campo, se vive uma situação sub-humana e, por outro, que ninguém lhe pode fazer mal algum, pois ela se sente livre. Apenas uma experiência tão radical, como a que ela viveu, pode proporcionar um registro tão vívido em que a história dos seres humanos se revela, para ela, entre um sorriso e uma lágrima, não sendo, como já mostramos, nem absolutamente boa, nem absolutamente má, como ela relata na Carta 29, ao falar, bem-humorada e, também, de forma irônica, do seu programa no campo:

Por agora, ainda me dedico a exercícios matinais, ao Sol, à Bíblia, ao russo, a descascar batatas, à literatura e a conversas com pessoas demasiado otimistas, polêmicas, com vontade de cometer suicídio, zangadas, tristes e tudo o que existe entre a espécie humana. Um programa variado, portanto (Hillesum, 2009, p. 105).

Como vemos, tudo que compõe o campo, sobretudo as pessoas que lá estão, e como estão, ajuda a formar a memória de Etty e, mais do que isso, fornece para ela motivos para pensar, lembrar e registrar a ponto de não enxergar com bons olhos os que querem esquecer, quando afirma que todos os dias ouve, de todos os lados e em todos os tons que não querem pensar, não querem sentir, apenas querem esquecer o mais rapidamente possível, o que Hillesum vê como um grande perigo. Ela reconhece que há coisas no campo que ultrapassam qualquer razão, mas também reconhece que nós devemos ter outras faculdades que nos ajudem a lidar com o incompreensível: “Acredito que o ser humano possui uma faculdade para cada acontecimento que o ajuda a superá-lo” (Hillesum, 2009, p. 90). Ora, como afirma Maria Clara Bingemer, é por meio da escrita que Etty amadurece suas decisões e configura seus posicionamentos, legando-nos seu pensamento por meio da sua escrita que nos oferece também sua diferença de gênero que a faz percorrer, de forma peculiar, os caminhos da superação da violência que se abate sobre ela (Bingemer, 2004).

Sua diferença de gênero, isto é, o feminino, faz com que ela seja, ainda na esteira de Bingemer, cujos muitos estudos reforçam reiteradamente a ideia do feminismo da diferença<sup>24</sup>, “[...] possuidora e veiculadora de uma alteridade que a faz fundamentalmente outra diante do mundo construído pelo macho: outra sexualidade, outra linguagem, outra política” (Bingemer, 2004, p. 2016). Não é difícil encontrarmos em Hillesum a reflexão feita por Bingemer, até mesmo nas cartas, cujo teor testemunhal apresenta-nos uma escrita mais incisiva do ponto de vista da catástrofe que vive, como pensamos já ter demonstrado ao longo deste estudo, embora, como também já mostramos, não deixe de ter seus momentos de humor, de ironia e de imagens que chegam a doer de tão belas. Vejamos, pois, por qual via, ou por quais vias, a jovem de Middelburg coloca-se diante do mundo que se descortina para ela naquele momento:

Queria dizer apenas o seguinte: a miséria aqui é realmente terrível e, ainda assim, à noite, quando o dia caiu num abismo atrás de mim, costumo caminhar a passo enérgico ao longo do arame farpado e, nessas alturas, volta a assolar-me o sentimento – não consigo evitá-lo, as coisas são como são, existe uma força elementar – de que esta vida é algo de glorioso e magnífico e que, um dia, teremos de construir um mundo totalmente novo. E quantos mais delitos e horrores se derem, mais amor e bondade teremos de oferecer em contrapartida, sentimentos que temos de conquistar dentro de nós. Podemos sofrer, mas não podemos sucumbir. E se escaparmos a estes tempos imaculados no

<sup>24</sup> Para esta questão da diferença de gênero, ver toda a parte III – Gênero, do livro de Maria Clara Bingemer. Num capítulo primoroso que tem como título: *Um ser desdobrável. A experiência religiosa no feminino*, ela afirma que: “No entanto é forçoso reconhecer que não estamos mais em tempos de feminismo de primeira hora, quando a mulher buscava a liberdade através da igualdade a qualquer preço com o homem. Vivemos já o feminismo da diferença, quando a mulher expõe diante da sociedade seu direito à diferença e quer ver essa diferença reconhecida e respeitada” (Bingemer, 2004, p. 198).

corpo e na alma, mas sobretudo na alma, sem rancor, sem ódio, então, também nós teremos algo a dizer após a guerra (Hillesum, 2009, p. 153-154).

Etty Hillesum fala de uma força elementar, que é Deus<sup>25</sup>, e que é também o amor, como ela escreve na Carta 56: “O amor pelo nosso semelhante é como um brilho elementar que nos sustenta” (Hillesum, 2009, p. 190). Pensamos que podemos afirmar que é o amor de Etty pela humanidade e pela vida como um todo que a mobiliza nos vários momentos da sua história. É por causa deste amor, que a alimenta e a sustenta, que ela vê a vida como gloriosa e enxerga uma salvação para a humanidade, entendendo que é preciso construir um mundo totalmente novo. Em contrapartida aos delitos e horrores, ela oferece amor e bondade, mas lucidamente afirma a necessidade de um cultivo interior, pois não podemos oferecer o que não temos. Aliás, no *Diário*, ela afirma que não quer desperdiçar a sua vida sentindo ódio, mas quer a preencher com amor por si e pelos outros, como mostramos em outro estudo nosso, assim como diz que a paz só chegará quando cada um encontrar a sua própria paz e mais, como anota na Carta 54, devemos ter um amor sem predileção pelos nossos assemelhados, que não deve olhar a nação, nem a raça, nem o credo<sup>26</sup>. Ainda sobre a citação acima, Etty entende que o sofrimento faz parte da existência humana, importa, portanto, não sucumbir a ele, e esta resistência, fortalecida pelo amor<sup>27</sup>, permite-lhe pensar na construção de um mundo totalmente novo, uma nova política, como lemos em outra passagem da Carta 46:

Vou tentar descrever-vos como me sinto, mas não sei bem se a metáfora serve. Quando uma aranha tece a sua teia, não lança primeiro os seus fios principais, trepando ela própria também a seguir? O caminho principal da minha vida estende-se já há muito mais longe, alcançando já um outro mundo. É como se tudo o que aqui acontece e que ainda está para acontecer me estivesse já a ser descontado, é como se já o tivesse superado e vivido e agora participasse na formação de uma nova sociedade. A vida aqui não me custa muita da minha força essencial – talvez nos degrademos mais fisicamente e sintamos amiúde um pesar insondável, mas, na essência, vamos ficando cada vez mais fortes (Hillesum, 2009, p. 154-155).

Fazendo uso de uma metáfora, a jovem holandesa procura explicar que este mundo totalmente novo, que precisa ser construído, já está sendo construído por ela. Da mesma forma que a aranha lança seus fios (lembramos, delicados, mas muito resistentes) e por eles caminha tecendo sua teia, Etty pensa na formação de uma nova sociedade, da qual ela quer fazer parte, construindo seus alicerces a partir de si mesma, demonstrando a força essencial que ela tem, esta força elementar que tem por nome amor. Seguindo a mesma ideia que se encontra na citação mais acima que fizemos desta mesma carta, em que ela fala sobre sofrer, mas não sucumbir, neste excerto que analisamos agora, ela escreve que fisicamente podemos nos degradar, mas espiritualmente

<sup>25</sup> Não abordamos Deus neste artigo porque não era nosso escopo e, também, porque já o fizemos em outro estudo nosso (Nogueira, 2021). De qualquer forma, se tomarmos como referência o cristianismo que Etty, mesmo como judia, abraçou, falaremos sobre Deus aos falarmos sobre o amor. Na verdade, dá-se entre Etty e o cristianismo muito mais do que um abraço. Há entrega, há comunhão, há manifestação, há reciprocidade, há alento, há segurança e há vida. Dentre os muitos livros que Etty tem em Westerbork, encontram-se o Corão, o Talmude e a Bíblia. Numa dada passagem, ela diz que o pai se dedica ao estudo da Bíblia, comparando as versões em diferentes línguas (francesa, grega, holandesa), cf. Cartas 36 e 45. Para Maria Clara Bingemer, Etty Hillesum (assim como Simone Weil e Edith Stein) move-se “[...] entre dois universos religiosos – o judeu e o cristão [...]”, apesar disso (ou por isso), assevera Bingemer: “Não cremos, portanto, poder nem sequer dever enquadrá-la em uma tradição religiosa específica, embora certamente sua referência fosse a Bíblia e sua origem judaica” (Bingemer, 2004, p. 217, 237-237).

<sup>26</sup> Torna a ratificar na Carta 61: “Estou cada vez mais consciente de que o amor por todos os que possam cruzar o nosso caminho, por todos os que foram feitos à imagem de Deus, deve ultrapassar o amor pelos que estão unidos a nós por laços de sangue” (Hillesum, 2009, p. 202), muita embora, como citamos acima, o amor ao semelhante seja o primeiro passo, como um brilho elementar, e como fica claro nas *Cartas* onde lemos que Etty está sempre muito preocupada com a sua família.

<sup>27</sup> Em uma passagem do *Diário*, vemos toda a sensibilidade de Etty, assim como o seu humor: “Há uma diferença entre ‘endurecido’ e ‘insensível’. Hoje em dia esses termos são muito confundidos. Acredito que cada dia me torno mais endurecida, com exceção da bexiga indisciplinada, mas insensível não serei jamais, também não sinto nenhuma necessidade de me tornar” (Hillesum, 2019, p. 232-293).

ficamos cada vez mais fortes. Esta forma de pensar e de agir<sup>28</sup> tem a ver também com a forma como Etty percorre as vastas regiões da sua alma e do seu espírito, lembrando o percurso de Teresa d'Ávila (1981) no *Castelo interior ou moradas*, em que a alma é como uma pedra preciosa que deve ser lapidada; ou ainda o livro X das *Confissões* de Agostinho (2001), em que a memória é um palácio com inúmeros aposentos.

Assim, é preciso esquadrihar toda a memória em busca de tudo que possa fortalecer seu ânimo, de modo que possa superar a violência sofrida e contribuir também para uma ética que faça da geração de Etty, e conseqüentemente das posteriores, uma geração viável<sup>29</sup>. Para isso, é preciso transformar/transferir o amor que se sente por alguém por/para um amor por todos ou por todas as coisas, como ela afirma que aprendeu com Julius Spier: “Ensina-nos que o amor por todas as coisas é mais belo do que o amor por uma só pessoa” (Hillesum, 2009, p. 23). Nos diários já trata deste tema se questionando se o amor que não se pode dar a uma única pessoa, porque a guerra as separou (pensando em termos de uma relação amorosa), não poderia ser transformado em uma força em benefício da sociedade (Hillesum, 2019, p. 316). Ademais, neste mesmo dia, em 17 de setembro de 1942, escreve quase de forma profética: “Depois desta guerra, além de uma corrente de humanismo, uma corrente de ódio também assolará o mundo. E então novamente tive certeza: entrarei em campo contra esse ódio” (Hillesum, 2019, p. 316).

Ora, o remédio de Etty Hillesum contra o ódio é o amor, mas é um remédio amargo, do mesmo modo daquele ministrado para Boécio<sup>30</sup> pela Dama Filosofia. No diálogo do filósofo medieval com a Senhora Filosofia, ele queixa-se de todas as coisas que lhe acontecem naquele momento, sobretudo da Fortuna, que, para ele, tirou-lhe tudo. Ao ouvi-lo, a Filosofia reconhece imediatamente a causa da doença boeciana, ele deixou de saber quem ele era e o trabalho da Filosofia agora consiste em fazê-lo lembrar do que esqueceu, alertando-o de que precisa dar-lhe um remédio para os seus males, mas que este se apresentará como amargo. No livro II de *A consolação da Filosofia*, lemos: “Se tu te lembrasses de sua natureza, suas práticas e o que ela vale, reconhecerias que nada poderias ter perdido de bom graças a ela [...] seria de grande proveito ter isso sempre na memória” (Boécio, 1998, p. 25).

Imaginemos Etty Hillesum no papel da Dama Filosofia e o seu povo, posto que é assim que se refere aos judeus<sup>31</sup>, no papel de Boécio. Ora, várias vezes no Diário Etty expõe o fato de não ser compreendida por achar um sentido na vida; por sorrir; por estar feliz, e por se preocupar com suas flores e os seus livros, por exemplo. Nas Cartas também não é diferente, já mostramos o relato dela ao falar do seu médico, que ele não entende como alguém pode sorrir naquele contexto; como ela

<sup>28</sup> Os depoimentos dos que conheceram Etty Hillesum, sobretudo no Campo de Westerbork, falam da sua sensibilidade, sempre preocupada com todos, sempre ajudando como podia, ainda que fosse apenas com um sorriso. Sobre estes depoimentos, ver as várias notas da edição portuguesa das cartas (Hillesum, 2009), assim como as *Cartas a Etty Hillesum* e as *Cartas sobre Etty Hillesum* que aparecem ao final da edição referenciada. Em um desses depoimentos, alguém afirma que Etty era como uma fada, pois tudo que ela tocava era arrancado da monotonia.

<sup>29</sup> Encontramos essa ideia em outra pensadora cara à professora Maria Clara Bingemer e, também, a nós: Simone Weil. Em *Le racinement, Prélude à une déclaration des devoirs envers l'être humain*, última obra da filósofa francesa, escrita pouco tempo antes de morrer, ela pensa sobre o futuro da humanidade depois da Segunda Guerra Mundial e coloca quatro obstáculos que nos afastam de uma civilização capaz de ter algum valor: “Notre conception fautive de la grandeur; la dégradation du sentiment de la justice; notre idolâtrie de l'argent; et l'absence en nous d'inspiration religieuse” (Weil, 1949, p. 145).

<sup>30</sup> Boécio foi um filósofo do século VI, autor do livro *A consolação da filosofia*, que foi escrito na prisão em meio às sessões de tortura às quais foi submetido. O livro começa com o filósofo romano tentando compreender como, do dia para a noite, ele perdeu tudo, bens materiais, status social, cargos importantes etc. Nesse momento, surge uma “senhora de mui venerando aspecto”, que é a própria filosofia, para consolá-lo no sentido de fazê-lo lembrar que, na verdade, ele não perdeu absolutamente nada, porque de fato o que realmente lhe pertence, e que pode sustentá-lo naquele momento difícil, não lhe pode ser retirado (Nogueira, 2021, n. 23, p. 47).

<sup>31</sup> Na Carta 28 Etty provavelmente se refere aos planos de Klaas Smelik e de sua filha Johanna de escondê-la em Hilversum. Nesta carta, há uma nota da edição portuguesa que nos dá a seguinte informação sobre o fato de, antes de ir voluntariamente para Westerbork, Smelik ter tentado alertá-la para o perigo que corria, agarrando-a pelo braço. Nas palavras dele: “Ela libertou-se e afastou-se um metro e meio de mim. Lançou-me um olhar muito estranho e disse: ‘não me compreendes’. Eu respondi: ‘Não, raios te partem, não compreendo mesmo. Fica cá, sua tola’. Ao que ela disse: ‘Quero partilhar o destino do meu povo’. Quando ela disse isto, eu soube que estava tudo perdido. Ela nunca viria conosco” (Hillesum, 2009, n. 1, p. 104).

precisa inventar uma história para as mulheres que estão no hospital-barracão quando ela entra radiante simplesmente porque viu um arco-íris em uma poça de lama; não a entendem porque ela se preocupa em organizar uma biblioteca no campo; não entendem porque muitas vezes o seu relato de Westerbork é parcial, quando poderia, como ela diz em uma das cartas, ser repleto de ódio, azedume e revolta, enfim, apenas para encerrar os exemplos, não entendem como alguém em um campo de trânsito e que sabe da existência do transporte da morte pode afirmar, como lemos na Carta 68, que a sua vida é uma sucessão de milagres interiores e um diálogo ininterrupto com Deus.

Para as pessoas que sofrem no campo, não esqueçamos que Hillesum foi uma delas, a única sensação possível é a de que, assim como Boécio, perderam tudo. Logo, é preciso achar um culpado, ou culpados e odiá-los. Não à toa, a técnica cruel dos nazistas em relação às pessoas nos campos era desumanizá-las, daí, muitas vezes, o querer esquecer, não lembrar, não comentar ou, simplesmente, o emudecimento causado pelo trauma, ou seja, a memória passiva: tudo está lá, mas a dor de ativá-la é muito maior do que a dormência de sobreviver e muitos, senão a maioria, não dispõem da força interior de Hillesum. Logo, não nos parece forçado compará-la à Dama Filosofia, à medida que ela acha o esquecimento perigoso para História e porque ela enxerga uma corrente de ódio contra a qual ela precisa lutar se quiser salvar a humanidade da sua ruína. Por isso, pedir para essas pessoas lembrarem das suas dores e se esforçarem para não esquecer o que são, seres humanos, é, realmente, um remédio bem amargo. Assim como a Antígona, de Sófocles, Hillesum não nasceu para compartilhar o ódio, mas o amor (Sófocles, 1998, v. 597)<sup>32</sup>. Nos diários, ela fala várias vezes sobre o ódio e afirma que, se existisse somente um alemão decente no mundo, não seria correto despejar nosso ódio sobre um povo inteiro (Hillesum, 1996). Diz mais, numa lucidez que chega a nos assustar, porque nos obriga a olharmos para o espelho da nossa alma, quando escreve:

Mais uma coisa para esta manhã: A percepção muito forte de que, apesar de todo o sofrimento e injustiça em curso, eu não consigo odiar as pessoas. E que tudo de apavorante e horrível que está acontecendo não é algo secretamente ameaçador, novo e exterior a nós; mas está muito perto de nós, dentro de nós, origina-se nas pessoas (Hillesum, 2019, p. 162).

A luta de Hillesum contra o ódio e, portanto, o remédio amargo que todos devem tomar passa, necessariamente, pela tomada de consciência primeiramente pessoal, ou seja, é preciso, como já afirmava o Oráculo de Delfos, conhecer a si mesmo e realmente refletir se em outras circunstâncias os que agora padecem não seriam (ou seriam) capazes de fazer outros padecerem. Por isso, ela afirma que esta grande ameaça, ou a capacidade de participar ativamente dela, está dentro de cada um de nós. Como afirma Maria Clara, ao refletir a constatação de Hillesum sobre o fato de as raízes da violência encontrarem-se no coração de cada ser humano: “[...] Etty percebe ao mesmo tempo em que a vida interior, da qual faz parte o diário íntimo que inicia, pode ser uma possibilidade de enfrentar e confrontar a violência que cresce ao seu redor” (Bingemer, 2004, p. 240). Ainda nos diários, se pergunta por que há uma guerra? E responde que talvez porque ela se sinta inclinada a brigar com o seu vizinho. Porque ela, ele e todo mundo talvez não tenha amor suficiente (Hillesum, 1996). Mas passemos a uma citação das cartas, nosso objeto de estudo aqui, e vejamos o que escreve Etty sobre tudo isso na Carta de número 23.

Mas a revolta que surge apenas quando somos, nós próprios, afectados pela necessidade não é verdadeira e nunca pode ser frutífera. E a ausência de ódio não implica a ausência de uma elementar indignação moral. Sei que aqueles que odeiam têm bons motivos para isso. Mas porque temos nós

<sup>32</sup> No final do livro II de *A consolação da filosofia*, versos II, 16, escreve Boécio sobre o amor: “Pois também é o Amor que sustenta os povos/Unidos por um pacto inviolável,/É ele quem reforça os laços sagrados/Do casamento por relações virtuosas;/É ele também quem dita as leis/Aos seus fiéis companheiros./Bem-aventurado será o gênero humano/Se seu coração obedecer ao Amor./O mesmo a quem o próprio Céu estrelado obedece” (Boécio, 1998, p. 51).

de escolher sempre o caminho mais fácil e acessível? Lá, experienciei intensamente como cada átomo de ódio acrescentado a este mundo o torna um lugar ainda mais inóspito. E também acredito, ingênua mas teimosamente, que a Terra apenas poderia voltar a ser um pouco mais habitável por via daquele amor que o judeu Paulo descreveu, certa vez, aos Coríntios no décimo terceiro capítulo da sua primeira epístola (Hillesum, 2009, p. 98).

Vejam atentamente esta última citação. Primeiro ela afirma o seu compromisso com a humanidade, o que poderíamos chamar de uma consciência universal, posto que, ao nos revoltarmos apenas quando algo de ruim acontece-nos, ou se somos injustiçados de alguma forma, essa revolta não produz frutos, uma vez que somos incapazes de colocarmo-nos no lugar do outro. Revoltar-se com a injustiça ou com o sofrimento imputado ao outro é algo que só alguém movido por um verdadeiro amor à humanidade, logo, ao póstero, pode sentir, sendo esta também uma atitude política, ou seja, a que busca construir uma nova sociedade, um novo mundo, como tem esperança Hillesum, mesmo estando dentro de um campo de trânsito e prestes a ser levada para um campo de concentração de onde a maioria das pessoas não volta. Depois, ela não vive em um mundo de sonho, não é ingênua, ela sabe e sente no seu corpo e na sua mente todo sofrimento e toda humilhação de qualquer pessoa, cujo sistema opressor procura desumanizar, ou, como escreve Maria Clara, mostrando que a sua força vem do amor (de Deus), ela “Está longe, porém, de ter um otimismo ingênuo ou uma atitude acrítica diante da vida” (Bingemer, 2004, p. 250). Em uma das cartas, a própria Etty se questiona o quanto vale a sua filosofia quando ela olha para os idosos e afirma que este será o capítulo mais triste da história de Westerbork.

Por isso, ela reconhece, e não poderia ser diferente, que quem odeia tem motivo para isso, entretanto, odiar, para Hillesum, é o caminho mais fácil e, por essa razão, é como a erva-daninha que destrói tudo que aparece na sua frente, tornando esse lugar, esse mundo, completamente improdutivo sob todos os aspectos e, nesse sentido, o mundo torna-se um lugar inabitável, já que a única relação que passa a existir entre os seres humanos é a relação de ódio. De qualquer modo, Hillesum tem esperança, sem deixar de reconhecer o quão difícil é a sua proposta, e por esse motivo utopicamente ela teima, resiste e luta para fundar um novo mundo a partir do princípio ético pregado por Paulo em 1Co, 13 e que coloca o amor como o que há de mais importante, fundante e mantenedor das vidas humanas, uma vez que tudo passará, e “ainda que eu distribuisse todos os meus bens aos famintos, ainda que entregasse o meu corpo às chamas, se não tivesse a caridade, isso nada me adiantaria” (1Co, 13, 3)<sup>33</sup>. Lembremos de uma das passagens finais do Diário de Etty: “Parti meu corpo como pão e o dividi entre os homens. Por que não? Tinham sempre tanta fome e estavam há tanto tempo desprovidos”<sup>34</sup>, e a última frase que escreve no seu *Diário*: “Gostaria de ser um bálsamo para tantas dores” (Hillesum, 2019, p. 362-363).

Ora, essas últimas palavras de Etty que se encontram na última parte do seu *Diário* datam de 13 de outubro de 1942. Depois disso, o que sabemos dela por ela mesma vem das *Cartas*, a maioria escrita em Westerbork. Etty mantém no campo a firme ideia de ser um bálsamo para todas as dores (e já indicamos aqui alguns testemunhos sobre a sua presença iluminada por onde passava), do mesmo modo, conserva o ideal de repartir seu corpo como pão e alimentar a todos, porém, seguindo a carta de Paulo aos coríntios referenciada mais acima, se isso ela o fizesse, de nada adiantaria se

<sup>33</sup> As citações bíblicas foram extraídas da Bíblia de Jerusalém (1985).

<sup>34</sup> A tradução italiana do *Diário* traz uma frase a mais em continuação à citação supracitada e que não aparece nem nas traduções brasileiras (em suas duas versões), nem na inglesa, nem na espanhola que estamos consultando. Todavia, colocaremos aqui de forma destacada, entre aspas, por nos parecer que oferece uma ideia a ser pensada quando se trata da diferença de gênero e, portanto, algo a ser refletido em outro estudo: “Quando soffro per gli uomini indifesi, non soffro forse per il lato indifeso di me stessa? Ho spezzato il mio corpo come se fosse pane e l’ho distribuito agli uomini. Perché no? Erano così affamati e da tanto tempo “Lui era il potente tronco attorno al qual ele nostre vite femminili si arrampicavano”” (Hillesum, 2012, p. 357).

essas pessoas que a recebessem metaforicamente como alimento não tivessem no fundo das suas almas conseguido cultivar o amor. Dessa maneira, escreve Etty, na Carta de número 23:

Se nos limitarmos a salvar dos campos de todo mundo apenas os nossos corpos e nada mais do que isso, não será suficiente. O que importa não é preservarmos as nossas vidas a qualquer custo, mas sim o modo como o fazemos. Por vezes penso que cada nova situação, boa ou má, nos dá a possibilidade de enriquecermos com novas perspectivas. E se abandonarmos à sua sorte os factos adversos que somos forçados a enfrentar, se não os acolhermos nas nossas mentes e corações para aí os deixar assentarem e transformarem-se em factos graças aos quais podemos amadurecer e dos quais podemos extrair um sentido – então, não somos uma geração viável (Hillesum, 2009, p. 90).

A jovem holandesa pensa não apenas em Westerbork e nas pessoas que lá estão, ela pensa, com uma consciência coletiva bastante refinada, nas pessoas de todos os campos do mundo e reflete seriamente sobre a ideia de que não valerá a pena salvar corpos a qualquer preço, pois, se assim o for, possivelmente estes não terão amadurecido o suficiente para encontrar um sentido para tudo que passaram e, portanto, não aprenderão a enxergar o mundo sob uma nova perspectiva. Possivelmente, pensa Hillesum, apenas odiarão e, se salvos assim da morte, repetirão o ciclo de ódio que tornará este mundo num lugar hostil e conseqüentemente inabitável. Se dessa forma sobrevivermos, afirma peremptoriamente Etty, não seremos uma geração merecedora dos muitos inocentes sacrificados. Talvez por isso, lembramos agora voltando às belas imagens da escrita dos diários e das cartas, Hillesum se preocupa tanto com suas flores, pois metaforicamente elas fazem do mundo um lugar com vida, ou seja, com as flores ou com a imagem delas que Etty carrega para onde quer que vá, ela encontra vida em meio às mortes. Por fim, uma última citação das cartas, na sequência da apresentada acima, para encerramos esta parte do nosso estudo.

Na verdade, não é fácil, e para nós, judeus, menos ainda; contudo, se nada tivermos a oferecer a um mundo no pós-guerra desolador, senão os nossos corpos salvos a qualquer custo, se não conseguirmos oferecer um novo sentido nascido do fundo da nossa aflição e desespero, então, não será suficiente. Novos pensamentos terão de irradiar para fora dos próprios campos, novas perspectivas terão de espalhar lucidez, atravessando o arame farpado que nos cerca, e terão de interligar-se com as novas perspectivas que as pessoas no exterior terão de adquirir de forma igualmente sangrenta e em circunstâncias que estão a tornar-se, aos poucos, quase tão difíceis como as nossas. E, na base comum de uma busca honesta por respostas esclarecedoras para todos esses acontecimentos misteriosos, talvez a vida desconcertada possa dar um passo em frente. Por isso me pareceu um perigo tão grande quando se ouvia dizer por todo lado: ‘Não queremos pensar, não queremos sentir, é melhor criar uma carapaça contra toda esta miséria’ (Hillesum, 2009, p. 91).

Pensamos que a citação fala por si só, mesmo assim, não nos deixa de chamar atenção a responsabilidade que a jovem de Middelburg assume em nome de toda a humanidade, sem deixar de convocar, com a sua escrita sensível e, ao mesmo tempo, enérgica, todas as pessoas, sobretudo aquelas que sofrem, para a construção de um mundo pós-guerra. Sem ingenuidade, mais uma vez, ela afirma que o que pede não é fácil, principalmente para o seu povo, entretanto, se não houver lucidez nas formas de pensar e agir, de forma que isso irradie para fora dos campos e, sobretudo, se não houver amor, de maneira a interligar as pessoas, não se terá conseguido extrair um significado das aflições e desesperos sentidos. A teóloga Maria Clara destaca que a mulher tem um modo bastante próprio de pensar na superação da violência, refletindo que “[...] com a paciência de quem faz aliança com a vida, mesmo em meio à morte”. Ademais, ao abordar três mulheres que lhe são caras, dentre estas Etty Hillesum, afirma que elas “Lançaram [...] as bases fecundas para uma ética do primado da alteridade que lhes permitiu não só enfrentar a violência da qual eram vítimas como deixar esses postulados éticos como legado aos seus contemporâneos e descendentes” (Bingemer, 2004, p. 218).

Destarte, Hillesum considera um grande perigo não sentir e não pensar, por isso mesmo, ela sente, pensa, lembra e deixa para os pósteros um registro não apenas do que aconteceu, como também uma reflexão profundamente tocante na sua escrita e, sem sombra de dúvida, deixa seu amor pela humanidade. Dito de outra forma, sua reflexão só é possível porque ela carrega dentro dela um amor transbordante pelos outros e pelo mundo, e desse modo ela considera que realmente vale a pena transmiti-lo, pois fundado nele pode-se construir uma sociedade, no mínimo, menos injusta e mais tolerante. Etty afirma na Carta 23 que “Há lama, tanta lama, que é necessário termos algum sol interior algures nas nossas entranhas se não quisermos tornar-nos vítimas psicológicas de todo aquele lamaçal” (Hillesum, 2009, p. 82). Ora, Etty buscou tanto manter a sua humanidade num lugar feito para desumanizar, buscou tanto um equilíbrio entre a realidade exterior e a realidade interior que acabou encontrando um sol dentro dela própria com uma potência tão forte que era capaz de transbordar a luz para todas as pessoas que quisessem e soubessem acolhê-la<sup>35</sup>.

## Conclusão

Como esperamos ter demonstrado, a escrita de Etty Hillesum, sobretudo as *Cartas*, pode ser classificada pelo que a crítica literária denomina por Literatura de Testemunho, embora encontremos naquela escrita não apenas dor e horror, mas também humor e beleza, o que faz desta literatura algo bem peculiar e bem próprio do modo de pensar e viver da jovem holandesa. Porém, não é apenas a Literatura de Testemunho que nela comparece, seja nas cartas, seja nos diários, isto é, quando olhamos para as referências dos livros que surgem nos textos de Etty, perceberemos como ela se alimenta das leituras que deles faz e como os carrega para onde quer que vá, ainda que seja dentro de si, pois tem espaço suficiente para isso e, com uma força elementar que impressiona qualquer pessoa, consegue, num esforço de memória, resgatá-los quando precisa. Assim, embora não tenhamos destacado aqui, no sentido de ter feito uma reflexão sobre isso, as leituras de Etty passam pela literatura, filosofia e teologia, sem necessariamente estabelecer uma separação rigorosa entre estes saberes, o que nos parece uma forma saudável de leitura.

Desse modo, é possível ver as reflexões de Hillesum que oscilam, também de forma bem-humorada e, sobretudo, de forma bela, sobre o amor e o ódio, a beleza e a dor, o sorriso e a lágrima, a esperança e o desespero, Deus e a falta de fé, a vida e a morte, enfim, sobre os seres humanos que, para ela, devem encontrar o equilíbrio necessário em cada situação que vivem, cultivando sua alma a ponto de lá encontrar o amor necessário que move a vida. É esta força elementar que impulsiona a jovem de Middelburg a lembrar, registrar e historiar a vida, mesmo em meio à destruição, pois a memória vivida e registrada salva a todos nós do esquecimento, ou seja, da morte. Nesse sentido, Etty Hillesum lega aos seus pósteros, por amor a eles, a memória vívida de um contexto sobre o qual é preciso refletir seriamente de forma serena, buscando não somente não o repetir, mas principalmente nos perguntando o que deixaremos nós para as gerações futuras. Com isso, encerramos nosso artigo acreditando que, ao falar de amor e de testemunho, estamos contribuindo também, ainda que de forma modesta, para homenagear a professora Maria Clara Bingemer, cujo legado intelectual e, especialmente, seu testemunho enquanto ser humano e enquanto mulher já se fazem sentir hoje e se farão presentes nas gerações vindouras.

<sup>35</sup> Como escreve Maria Clara Bingemer (2023, p. 79), ao comentar o desejo de Hillesum em ser uma cronista: “Escrever essa crônica significa construir a narrativa do que está acontecendo ao seu redor, que a interessa e a move apaixonadamente. Assim, são dois polos de atração que se complementam e não se conflitam: a atenção apaixonada por tudo o que diz respeito ao mundo e ao seu eu interior”.

## Referências

- Agamben, G. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)*. Tradução de Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.
- Agostinho. *Confissões*. Tradução de Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2001.
- Bíblia de Jerusalém. Tradução de Sociedade Bíblica Católica. Paulus: São Paulo, 1985.
- Bingemer, M. C. Três mulheres judias diante do holocausto. In: Bingemer, M. C. *A argila e o espírito*. Ensaios sobre ética, mística e poética. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 213-264.
- Bingemer, M. C. Mística e profecia no feminino: notas para ler algumas místicas contemporâneas. *Rhema, Revista de Filosofia e Teologia*, v. 15, n. 48-50, p. 149-180, 2011.
- Bingemer, M. C. A liberdade do espírito em duas escritoras místicas contemporâneas: Ety Hillesum e Adélia Prado. In: Bingemer, M. C. *Teologia e Literatura*. Afinidades e segredos compartilhados. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 240-269.
- Bingemer, M. C. Ety Hillesum: teopoética e testemunho. *Teoliterária*, v. 13, n. 31, p. 73-95, 2023. Doi: <https://doi.org/10.23925/2236-9937.2023v31p73-95>.
- Boécio. *A consolação da filosofia*. Tradução de Willian Li. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- Contaldo, S. M. Agostinho: a inquietação como fonte. *Revista Internacional de Estudos Agostinianos*, v. 8, p. 9-22, 2019.
- Gaarlandt, J. G.; Holland, H. Introduction and notes. In: Hillesum, E. *An Interrupted Life*. The Diaries, 1941-1943 and Letters from Westerbork. Translated by A. Pomerans. New York: Henry Holt and Company, 1996. p. xiii-xxiv.
- Gagnebin, J. M. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- Halbwachs, M. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- Hillesum, E. *Uma vida interrompida*. Os Diários de Ety Hillesum (1941-43). Tradução de Antônio. C. G. Pena. São Paulo: Record, 1981.
- Hillesum, E. *An Interrupted Life*. The Diaries, 1941-1943 and Letters from Westerbork. Translated by A. Pomerans. New York: Henry Holt and Company, 1996.
- Hillesum, E. *Una vida conmocionada: Diario 1941-1943*. Traducción de Manuel Sánchez. Romero. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial, 2007.
- Hillesum, E. *Cartas (1941-1943)*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.
- Hillesum, E. *Diario. 1941-1943*. Traduzione di Chiara Passanti; Tina Montone. Milano: Adelphi, 2012. (Edizione integrale a cura di J. G. Gaarlandt).
- Hillesum, E. *Uma vida interrompida*. Diário de Ety Hillesum, 1941-43. Tradução de Mariângela Guimarães. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2019.
- Nogueira, M. S. M. Por um Deus que seja poeta: escrita e oração em Ety Hillesum. In: Silva, A. A. R. (org.). *Filosofia, literatura e religião: ensaios*. Macapá: UNIFAP, 2021. p. 27-51.
- Salgueiro, W. O que é literatura de testemunho (E considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André Du Rap). *Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, v. 19, n. 31, p. 284-303, 2012.
- Santos, J. V. Ety Hillesum, a voz que se ergue das sombras como brasa e reinventa a esperança. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, v. 531, 2018. Disponível em: <https://www.ihonline.unisinos.br/artigo/7475-ettyhillesum-a-voz-que-se-ergue-das-sombras-como-brasae-reinventa-a-esperanca>. Acesso em: 10 mar. 2024.
- Seligmann-Silva, M. O local do testemunho. *Tempo & Argumento*, v. 2, n. 1, p. 3-20, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/1894>. Acesso em: 24 abr. 2024.
- Seligmann-Silva, M. Literatura de testemunho: os limites entre a construção e a ficção. *Letras*, v. 16, p. 9-37, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11482>. Acesso em: 24 abr. 2024.

Sófocles. *Antígona*. In: Sófocles. *A trilogia tebana. Édipo rei, Édipo em Colono e Antígona*. 8. ed. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 1998.

Teresa de Jesus. *Castelos interior ou moradas*. Tradução das Carmelitas Descalças do Convento de Santa Teresa. Rio de Janeiro: Paulus, 1981.

Weil, S. *Le racinement. Prélude à une déclaration des devoirs envers l'être humain*. Paris: Les Éditions Gallimard, 1949.

Wilkomirski, B. *Fragmentos: memórias de infância 1939-1948*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.